

OLHARES DOCENTES

A questão do pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa¹

Priscila Finger do Prado

Doutora em Letras e docente da Universidade Estadual do Centro-oeste

O romance “A geração da utopia”, de Pepetela, termina afirmando que não pode haver ponto final numa história que começa com “portanto”. Podemos levar essa afirmação para o estudo do pós-colonial nos países africanos de língua portuguesa, já que a história que começa com a colonização é só parte da história desses países, e o apagamento deste passado faz parte de um projeto político de colonização.

Segundo Maria Paula Meneses, em seu artigo “Desafios a Moçambique: nação e narrativas pós-coloniais”, o grande objetivo do colonialismo como projeto político era negar o direito à história pelos povos dominados, usurpando violentamente seu direito à autodeterminação. Dos vários tipos de elementos que sofrem com a colonização, ainda segundo a autora, o mais difícil de criticar é o conhecimento, o que ela denomina como “colonização epistêmica”. Nesse sentido, faz sentido que o estudo do colonial e do pós-colonial surja com grande diversidade teórica e temática, pois variadas são as situações coloniais e seus processos de descolonização.

Aliás, o próprio termo “colonial” que sucede o prefixo “pós” gera questionamentos entre os estudiosos da área, porque o colonial tanto pode ser entendido como o nome que se dá à sociedade que surge depois da chegada dos colonialistas, como pode ser entendido como o nome que se dá para a sociedade que surge depois da independência em relação ao colonialista. É essa a reflexão que abre o texto de Inocência Matta, intitulado “O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa”. Para a autora, se, por um lado, a literatura anticolonial, na fase de emergência, mobilizou estratégias contra o discurso que considerava a produção literária africana como “ultramarina”, de modo a afirmar a diferença e reivindicar a pátria; por outro, a literatura que sucede a independência dos países africanos mobiliza estratégias contra discursivas que visam a deslegitimar o projeto de nação monocolor pensado sob o signo da ideologia nacionalista.

Ainda segundo Matta, a tendência da literatura produzidas nos países africanos de língua portuguesa é “investigar a apreensão e a tematização do espaço

¹ Texto Produzido no âmbito do curso Introdução à Literatura Moçambicana, promovido pela Revista África e Africanidades, no segundo semestre de 2019.

colonial e pós-colonial e regenerar-se a partir dessa originária e contínua representação”.

A afirmação de Matta é endossada por Russell Hamilton, em seu artigo “A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial”, segundo o qual, três seriam as tendências para esse processo de olhar para a colonização: a primeira seria reescrever o passado pré-colonial e colonial, como no caso da obra “A gloriosa família”, de Pepetela; a segunda seria re-mitificar a história do país, como no caso da obra “Terra sonâmbula”, de Mia Couto; e a terceira seria de questionar os regimes instalados depois da independência política, numa espécie de “pós-otimismo”, como no caso da obra “A geração da utopia”, de Pepetela.

Com isso, se chega à conclusão de que é preciso construir um aparato teórico próprio a fim de entender como o pós-colonial aparece na produção literária de cada país que fora colonizado e que deixou de o ser, ao menos politicamente, já que, variadas são as situações coloniais e seus processos de descolonização. E, como indica, o fim da narrativa de Pepetela, não pode haver final numa história que começa com “portanto”.

Referências

HAMILTON, Russel. A literatura dos PALOP e a teoria pós-colonial. Via Atlântica. São Paulo, n. 3, dez. 1999.

MATA, Inocência. O pós-colonial nas literaturas africanas de língua portuguesa. Disponível em: < <https://edisciplinas.usp.br/mod/resource/view.php?id=2156530> > Acesso em: ago. 2019

MENESES, Maria Paula. Desafios a Moçambique: nação e narrativas pós-coloniais. Cadernos de Estudos Culturais, v. 5, n. 9. 2013.